

MEMÓRIAS DA PSICANÁLISE EM JUIZ DE FORA: ENTREVISTA COM MARIA ANITA CARNEIRO RIBEIRO

Gabriel Aquino Nascimento Gabeira¹

Larissa Costa Braz²

Regina Coeli Aguiar Castelo Prudente³

INTRODUÇÃO

Esta entrevista foi o ponto de partida de um extenso projeto de pesquisa sobre a história da psicanálise em Juiz de Fora. A psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro, doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), atualmente professora da Universidade Veiga de Almeida e coordenadora da especialização em Psicologia Clínica na PUC-Rio, é um dos grandes nomes da psicanálise lacaniana no Brasil. A entrevistada é interrogada sobre a sua atuação no final da década de 1990 como professora da especialização em psicanálise e posteriormente coordenadora do Mestrado em Psicologia (com grande destaque para a psicanálise na linha de pesquisa) no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Além das relações entre psicanálise e universidade no município, a entrevista teve como vertente a colaboração de Maria Anita na fundação de uma das mais influentes Escolas de Psicanálise da região: o Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora.

Pergunta 1: É uma honra, eu estou emocionada. Maria Anita, como começa sua relação com Juiz de Fora?

Resposta 1: Olha, começa desde pequena. Muito, muito pequena. É o seguinte: outro dia eu estava brincando até, por rede social, com uma colega minha de Belo Horizonte, a Rosana Baccharini, dizendo que eu sou baiana, sou mineira e sou carioca. Quer dizer, eu sou é brasileira, porque sou de uma porção de lugares. Logo quando meus pais se casaram, papai tinha acabado de ser convocado para servir na Segunda

¹ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário UniAcademia.

³ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (atualmente UniAcademia).

Docente do curso de psicologia do Centro Universitário UniAcademia. E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br

Guerra. Ele tinha acabado CPOR, o serviço militar obrigatório, e ele foi convocado para ir para a Itália. Ele estava recém-casado e para se livrar disso tudo, como ele era engenheiro, ele se ofereceu para trabalhar abrindo estradas para o Governo Dutra. Então, era a época de abrir a Estrada Rio-Bahia e lá se foi ele para o interior de Minas e Bahia. Quando mamãe ficou grávida me esperando, eles estavam lá no meio do sertão e meus pais que são de Salvador, voltaram para Salvador para o parto e então nasci baiana. Fui criada com os costumes baianos e com babá baiana, com todas aquelas coisas da Bahia que ela dizia assim: “No dia que a gente morar perto da praia, você aperta o olho assim que a gente vê a costa da África”. Sabe, eu fui criada assim como baiana mesmo. Mas em Minas também, porque era Urandi, Saco da Onça – cidades que nem se ouve falar no mapa mais. E finalmente em Montes Claros, onde nasceu a terceira filha, Maria Augusta, que era mineira. Foi assim que eu comecei esse relacionamento com Juiz de Fora. Não tenho nem data, porque me lembro que sempre que eu vinha do interior de Minas para Salvador de carro, a gente parava em Juiz de Fora. Depois quando eu já estava morando em Salvador e vim para o Rio de Janeiro, para passear, para ver o mar, para encontrar o resto da família que tinha migrado (sabe como é, nordestino migra, né? Tinha muita gente da família aqui no Rio de Janeiro), a gente parava e pernoitava em Juiz de Fora. Uma das primeiras memórias que eu tenho é a gente na porta de uma pensão ou coisa que valha, de noite e em Juiz de Fora, e eu perguntando a minha mãe: Porque esse Juiz é de fora? De onde é que ele vem? Juiz de Fora estava registrado em minha memória de alguma maneira. É isso. Mas a relação mesmo só veio se concretizar em 1990 e qualquer coisa quando eu fui convidada por uma professora do CES [Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora] chamada Valéria Wanda para dar aula num curso de especialização que ela tinha pensado e formulado a imagem e semelhança do curso de especialização da PUC-Rio [Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro] que eu coordenava e cujo projeto foi feito por mim e foi assim que a coisa começou de fato, tá bom?

Pergunta 2: É uma história bem longa, desde menina...

Resposta 2: Sim.

Pergunta 3: Como você percebia o campo psicanalítico em Juiz de Fora?

Resposta 3: Olha, eu já tinha notícias quando eu cheguei em Juiz de Fora. Eu não estava virgem de conhecimento de Juiz de Fora jamais. Eu tinha notícias de que tinha

um grupo expressivo de psicanalistas que estavam sendo formados, como Maria José Mendonça, Márcio Brandão e outros. Tinha o Isidoro Americano que vinha para Juiz de Fora de vez em quando. Mas não eram pessoas íntimas minhas, eram nomes, e afinal de contas se me convidaram para vir para Juiz de Fora eu não ia entrar sem saber nada. Eu tentei entender quem eram os colegas que já tinham me antecedido, porque a gente não entra achando que a gente vai começar coisa nenhuma, isso é uma posição narcisista e uma falta total de autocrítica. A gente não começa nada, sempre teve um antes, né? Então, nessa busca minha pelo antes, eu soube que havia realmente uma coisa já expressiva em Juiz de Fora, mas não a nível acadêmico. Então, quando eu fui chamada para Juiz de Fora, eu fui chamada de início para o curso de especialização organizado pela Valéria Wanda. Nisso ela me pediu que desse sugestões de outros nomes, de outros colegas e eu dei sugestões de outros nomes: Sonia Alberti, Vera Pollo... Várias pessoas que aos poucos algumas foram desistindo porque tinham outras ocupações. Sonia Alberti, por exemplo, embora gostasse muito, ela é atolada de responsabilidades lá na UERJ [Universidade do Estado do Rio de Janeiro], então ela teve que abandonar, mas Vera Pollo continuou conosco um tempão e continua, né? A Vera continua aparecendo aí em Juiz de Fora sempre que pode. Vera é uma companheirona. Mas a primeira coisa que eu fiz, meu primeiro projeto aí, foi o projeto do curso de especialização que já estava sendo planejado, já tinha sido apresentado para a faculdade baseado no meu curso da PUC-Rio. Então quando eu cheguei já foi dentro desse quadro.

Pergunta 4: Você falou sobre ter um antes... Em relação a esse campo psicanalítico que já ocupava a cidade, como você o percebia? Você se considera responsável pela introdução da orientação lacaniana em Juiz de Fora?

Resposta 4: Olha, para dizer a verdade não. O Isidoro Americano, que foi um colega que eu citei — que eu não era íntima, nem frequentava a instituição dele nem nada, mas conhecia de nome e conhecia de presença mesmo, em alguns acontecimentos — era um colega lacaniano, respeitável, que nunca pertenceu a mesma instituição que eu, mas a gente respeita os colegas, né? Então, não acredito que eu tenha sido a introdutora do lacanismo em Juiz de Fora, mas sem dúvidas eu tentei dar força. Eu tentei principalmente colocar Lacan na universidade. Porque existe sempre um preconceito: "Ah, é difícil demais! Ah, não dá para ensinar! Ah, meu Deus! Lacan! Ah os matemas, que coisa terrível! Não vou aprender nunca" - Não! É interessante dos

lugares que eu trabalhei, porque eu gosto muito de circular (gostava, né? Porque agora eu já estou velha demais para isso) pelo Brasil a fora e Nova Iguaçu foi um Fórum [do Campo Lacaniano] que eu ajudei a construir, foi um pessoal que nunca resistiu aos matemas. Eu digo isso com orgulho! Os meus colegas de Juiz de Fora de vez em quando interrompiam as aulas e diziam: “Professora, escreve naquelas letrinhas porque fica muito melhor para a gente entender!”. Então, eles conseguiram entender que o matema não é para atrapalhar a vida de ninguém, é para ajudar... mas isso varia de pessoa em pessoa. E já tem essa fama que antecede Lacan de ser muito difícil. Quebrar com isso não é fácil. Mas eu não fui introdutora de lacanismo nenhum, isso já estava aqui, pelo menos circulando... Se isso era do gosto das pessoas ou não, isso não sei, mas que estava circulando estava.

Pergunta 5: Você diz que tentou dar força... você deu força e continua dando até hoje! Existe em Juiz de Fora algumas instituições com orientação mais próxima a escola inglesa ou a escola americana... No meio das pessoas que sustentam essa orientação lacaniana viva até hoje, elas fazem com uma referência e uma admiração muito grande ao seu trabalho.

Resposta 5: Que coisa boa, viu? Porque me parece, isso é uma coisa complicada, você veja... Eu encontrei, na verdade, o estudo mais sistematizado de Lacan no final da década de 1970 e início da década de 1980. Foi mais ou menos a época que Lacan morreu. Durante um período, eu fui contemporânea de Lacan. Mas, o que ocorreu, por incrível que pareça, é que quem me colocou na trilha de estudar Lacan foi a Dr^a. Arminda Aberastury, uma psicanalista argentina famosíssima...

Pergunta 6: Psicanalista kleiniana, né?

Resposta 6: Kleiniana, de orientação kleiniana! Mas uma pessoa séria, estudiosa. E toda pessoa séria, estudiosa, está aberta para outras abordagens. E houve uma época... Eu sou da primeira turma da PUC-Rio que formou psicólogos com a profissão reconhecida. Até a minha turma a profissão não era reconhecida. Então, foi a primeira turma formada como psicólogo com profissão reconhecida. Eu tive o prazer e o desgaste de ir a todas as reuniões que constituíram o CRP [Conselho Regional de Psicologia], depois CFP [Conselho Federal de Psicologia] naquela época, e brigar, gritar... Era época de ditadura, não era nada fácil e queriam colocar na nossa carta de princípios de psicólogos coisas loucas que ainda estão em discussão até hoje, mas isso há 900 anos atrás já se discutia, já se gritava. “É dever do psicólogo normatizar

a sexualidade! Homossexualidade é doença!”... Quer dizer, é de uma ignorância, de uma burrice, de uma estupidez total! Eu me lembro que eu ganhei uma fama de gay naquela época porque eu me levantei... É engraçado porque eu era muito novinha, tinha 20 e qualquer coisa e estava lá com o meu namorado a tiracolo, futuro marido, pai dos meus dois filhos (hoje em dia ex-marido, mas que continua sendo um grande amigo). Nós dois de mão dada, eu me levantando, gritando que era um absurdo e tendo como referência as posições de Freud e companhia limitada, que se colocasse o psicólogo, a profissão do psicólogo, como regulamentadora da sexualidade de alguém. E aí disseram: “Ah, coitada! É gay! Obviamente!”. E eu dizendo: sou gay e assim serei pro resto da vida! Tudo bem, dentro da minha missão isso não é insulto nenhum não... E daí? Chamem do que quiserem, só não me chamem de preconceituosa! O resto pode chamar, é assim mesmo. Agora, nessa luta toda foi muita gente que esteve, né? Aqui no Rio de Janeiro mesmo, para as sociedades oficiais de psicanálise aceitarem psicólogo na formação foi só a partir de 1980. E 1980, você veja, eu entrei na faculdade em 1962... Em 1980 eu já tinha uma clientela, eu já estava formada. A gente se formava como? Como Deus ajudava, quebrando a cara aqui, ali, correndo atrás. E nisso o presidente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)... não é da brasileira [Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ] não, é a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro... tinham duas sociedades naquela época, eu não sei quantas têm hoje em dia porque eu perdi a noção em relação às sociedades da IPA [*International Psychoanalytical Association*]. Eu tô engajada em outro rumo, né? Então, naquela época tinham duas sociedades e da SPRJ o presidente era o Dr. Fábio Leite Lobo. Ele montou um curso trazendo os psicanalistas da Argentina para dar um suporte maior, um fortalecimento à formação dos psicanalistas da SPRJ, e ele abriu para os psicólogos. Depois a gente soube que a gente pagava a maior parte das coisas, ou seja, a gente entrou para pagar... Risos. Mas não tem importância, porque ele era muito generoso mesmo e ele peitou muita coisa, ele batalhou muito e abriu para os psicólogos, a verdade é essa. Então, Dr^a. Arminda veio com esses primeiros psicanalistas argentinos. A psicanálise na Argentina era muito mais desenvolvida que aqui no Rio de Janeiro e no Brasil. Quando perguntaram: “Quem é que vai apresentar o caso clínico para uma supervisão aberta com a Dr^a. Arminda Aberastury?”, a idiota aqui levanta a mão: “Eu! Eu! Eu!”. Meu dedinho lá, risos. Todo mundo paradinho, não iam se expor a serem criticados, a

mostrarem as besteiras... Eu queria mais era mostrar as besteiras que estava fazendo, eu era uma menina, recém-formada. Não tinha 30 anos. Arminda ficou encantada com a minha coragem. Eu não tinha noção que eu estava com coragem, eu estava achando que eu estava sendo aproveitadora, né?... Que eu estava aproveitando... Então, mantive essa supervisão com Arminda que foi ótimo, um caso de criança. Eu atendia muita criança, sempre atendi. Parei de atender uns dois anos atrás quando eu descobri que eles estavam correndo mais rápido que eu, tive que parar... Não posso atender ninguém que corra mais rápido que eu e não seja passível de ser ordenado. Até psicótico obedece, mas criança não. Criança diz: "Você não me pega!" e sai correndo. Eu não posso. Mas eu adorava atender crianças, ela gostou muito do meu caso e se ofereceu para me dar uma supervisão particular gratuita. Por interesse... ela era generosa, uma mulher boa, entende? Agora, dura... Sem babaquice, sem passar a mão na cabeça. Uma criatura do tipo que eu gosto: sem frescura, mas muito generosa. E aí, eu disse que estava fazendo mestrado e ela me perguntou qual era a minha dissertação e eu disse... E repara bem, eu estudava muito Melanie Klein naquela época, até hoje eu tenho uma leitura de Melanie Klein para poder discutir com as pessoas... E por que eu dou a cadeira de História do Movimento Psicanalítico, então eu preciso saber do que eu estou falando, para não dizer besteira. Então, eu ia defender uma dissertação que é o papel do pai na elaboração da posição depressiva de Melanie Klein. Ela olhou para mim e disse: "Eu não entendo nada disso! Mas eu vou te dar um nome e o telefone de uma amicíssima minha lá de Paris, a gente se corresponde quase toda semana, nós somos assim muito amigas... Chama-se Maud Mannoni". E eu lá escrevendo M-a-u-d Mannoni... "O telefone é tal, você liga para ela, diz que é minha amiga e foi indicada por mim porque ela estuda com um homem que tem mania de pai igual a você!". Foi assim que eu fui apresentada a Lacan. Risos. "Ele tem mania de pai igual a você"... - "Qual o nome dele, por favor?" - "Jacques Lacan". Eu escrevi... é claro que a minha ousadia não ia muito longe, também não era maluca, né? Eu só era atrevida mesmo, metida. Mas aí, eu não tive coragem de ligar para Maud Mannoni e dizer: "Ô Madame, aqui sou eu...". Meu francês não dava para isso, dava para ler só. Então, eu cheguei na livraria francesa daqui do Rio de Janeiro, a Livraria Leonardo da Vinci que até hoje existe, de Dona Vanna, que faleceu há pouco tempo e que era uma figura maravilhosa e disse: "Olha, Dona Vanna, eu queria tudo que a senhora tem escrito por esse homem Jacques

Lacan. A senhora traz tudo que eu compro!”. Ela me liga três meses depois e diz: “Olha, ele só publicou um livro até agora, tá aqui. Primeira edição, não vende nada!” e eu disse: “Tá bom!”. Eu tenho a primeira edição dos *Écrits*, caindo de podre, mas tenho.

Pergunta 7: Uma relíquia!

Resposta 7: É, Lacan chamava de “meu *worst-seller*” (o contrário de *best-seller*), tá entendendo? Não vendeu, empacou mesmo! Custou muito para realmente as pessoas começarem a correr atrás. E eu abri, eu me lembro que eu abri a primeira vez que eu abri os Escritos, que era grosso assim, eu dei de cara com o grafo do desejo assim... Eu olhei para aquilo, arregalei o olho, bati meu dedo debaixo do braço e falei assim: “Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus” e saí. “Mas eu tenho que entender, foi escrito por um sujeito humano igual a mim, então eu tenho que entender...” de algum jeito eu fiquei nisso, né? E uma vez eu dei até uma conferência aqui mesmo no Rio nas Formações Clínicas [do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro] em que eu disse: “A conferência foi o meu caso com o grafo de Lacan”. Eu tive um caso com o grafo de Lacan, com o grafo do desejo! Anos depois, quando a tradução dos Escritos foi publicada em português, o [Antonio] Quinet ficou com uma parte da revisão, deram para ele. E ele distribuiu aqui entre nós e eu disse: “Ah, não! O grafo do desejo é meu! Eu quero a subversão do sujeito porque eu tenho que fazer a revisão do grafo que foi meu primeiro contato com Lacan”... então, eu tive um caso com o grafo de Lacan.

Pergunta 8: E que caso! Como era ocupar o espaço da universidade para essa transmissão psicanalítica no mestrado que você coordenou desde 1999?

Resposta 8: É, depois do curso de especialização a gente fez o mestrado, que depois terminou sendo dissolvido porque você sabe, a gente continua brigando e vai brigar pro resto dos tempos... No Seminário 17, quando o Lacan apresenta os quatro discursos, ele mostra que o discurso do psicanalista é o avesso do discurso do mestre. Ou seja, o que Freud já tinha dito. A psicanálise vai na contramão da cultura dominante, no sentido: vai na contramão da moral e dos bons costumes e todas as coisas conservadoras que existem. E é isso mesmo, vai! Então a gente vai brigar e vai bater de frente o resto da vida, mas a vida só tem graça quando a gente luta por uma causa, né? E isso a gente descobre ao longo de uma análise, quando a gente no final de uma análise a gente tem a sorte de eleger a psicanálise como causa do nosso

desejo e da nossa vida... então, é isso! Freud também disse, ele tem um artigo que originariamente foi publicado, se não me engano, por [Sándor] Ferenczi em húngaro: “Pode a psicanálise ser ensinada na universidade?” Eu não sei como está traduzido, mas não está traduzido assim não. E ele diz: “Olha, a psicanálise não pode ser ensinada em lugar nenhum...” Aí que ele diz as três condições de transmissão da psicanálise e formação do analista. A primeira, que é básica, aquela sem a qual as duas outras não se sustentam: a análise pessoal. Isto não está no âmbito da universidade. Que se diga com toda clareza, porque embora a IPA tenha tentado domesticar a formação analítica, estipulando que “Os didatas são os que dão psicanálise, então você tem que fazer análise com um de nossos didatas! Quatro vezes por semana!”... Não! Para Freud é o seguinte: análise é uma questão de desejo! A transferência é o motor da análise! Então, por exemplo, as nossas instituições, as que tentam ser o mais lacanianas possíveis, elas não exigem que você diga com quem você se analisa... Contanto que você faça análise. Quantas vezes? Quantas vezes você puder, quiser e você combinar com o seu analista. Enfim, mas essa é a condição básica. Depois, a supervisão que realmente é fundamental e todo mundo se esquece: supervisão é tão básica quanto a análise. Foi outra coisa que a IPA deturpou loucamente a partir das desavenças entre Melanie Klein e Anna Freud que eclodiram na morte de Freud e que se resolveram como todas as coisas em âmbito institucional na psicanálise que era passando pano... Era o passar pano porque psicanalista tem que manter... Não tem que manter é nada! Manter a aparência de quê? Aparência de psicanalista é aparência de quem briga, de quem luta, de quem está na contramão... Não é de quem está bonitinho, de quem não cria caso. Somos criadores de caso por definição! Freud é um criador de caso! A história de que ele falou para o Jung quando eles estavam chegando nos Estados Unidos... E essa história depois eu descobri que foi o Lacan que, em uma entrevista, ouviu isso de Jung. Ele visitou o Jung... Ele se recusou a ver Freud, ele tinha medo de encontrar com Freud, mas ele foi lá ver Jung. E Jung contou que o Freud tinha dito para ele: “Eles não sabem que a gente trouxe a peste”... Risos. Vê se um portador de peste pode ser bonitinho e ter imagem para manter! Ele não tem imagem! Portador de peste é um cara empestado, vamos parar com esse negócio! Mas essa história de passar pano e bancar o bacaninha foi uma prática das mais doentias da psicanálise. E é isso.

Pergunta 9: Algo nessa relação da psicanálise com a universidade, ainda que conflituosa, foi possível, né? E, no seu caso, deixou marcas...

Resposta 9: É, Freud diz que é possível se ensinar alguma coisa sobre a psicanálise e a partir da psicanálise. Isso sim, e é isso que a gente tenta fazer. Por exemplo, o mestrado que a gente tem atualmente aqui no Rio... eu digo a gente porque é um grupo grande das pessoas do Campo Lacaniano, que tem um mestrado aqui no Rio de Janeiro em psicanálise, mestrado e doutorado em psicanálise na Universidade Veiga de Almeida. É um mestrado que não tem só psicólogo não, tem muita gente de outras profissões, é muito interessante! Muitos advogados... Muitos estudantes do Direito, muitos pedagogos, muita gente de outras profissões, exatamente para aprenderem sobre a psicanálise e a partir da psicanálise. Não para abandonarem tudo e para virarem psicanalistas, porque segundo o Freud, quando você tem uma formação analítica não é para você ter o desejo de ser analista e cumprir as formalidades que ele coloca (a análise pessoal, a supervisão e o estudo teórico), mas é para saber sobre... Porque o estudo da psicanálise enriquece a prática de um advogado, de um juiz, de um promotor, de uma boa pedagoga, entende? De uma estudiosa da Educação... Isso tudo engrandece, né? Então, essa experiência é muito legal, é muito boa! Eu gosto muito. Eu adoro, adoro mesmo.

Pergunta 10: É uma delícia te ouvir, Maria Anita... Você manteve aqui em Juiz de Fora um grupo de estudos por mais de 20 anos, em paralelo aos seus trabalhos no Rio de Janeiro, onde você mora até hoje, como a docência na PUC-Rio e na Universidade Veiga de Almeida. O que te fez voltar por tanto tempo?

Resposta 10: Olha... em primeiro lugar, é o seguinte: o Lacan diz uma frase que parece muito mercantilista, muito capitalista, mas não é não. Ela tem um travo de ironia muito grande. Ele diz assim: com oferta a gente cria a demanda. E o fato de eu estar aí dando aula, primeiro na especialização e depois no mestrado e tal... Quando o mestrado acabou, ou seja, que eu devia me retirar com o rabo entre as pernas... Primeiro eu não gosto de me retirar de lugar nenhum com o rabo entre as pernas, segundo eu já tinha uma clínica em Juiz de Fora. Assim como a Vera Pollo, também tinha uma clínica em Juiz de Fora. Então não era o lugar da gente ir embora porque a gente não ia abandonar paciente. Paciente não se abandona, entendeu? Então a gente combinou de ir uma vez por mês à Juiz de Fora para poder continuar a sustentar a clínica, porque o tal negócio... o tempo é lógico e se tratar uma vez por mês é melhor

que não se tratar dia nenhum. A gente descobriu que as pessoas têm mais dificuldade de sair de Juiz de Fora e vir pro Rio do que a gente do Rio ir para Juiz de Fora, entende? Então a gente não ia acabar a clínica... E eu gosto muito de viajar! Naquela altura da vida, eu viajava todo final de semana. Eu já tinha me separado do meu ex-marido e estava com dois filhos adolescentes, agora são dois adultos, casados, estou cheia de netos e tudo. Enfim, eu estava em um momento da vida que eu viajava todo final de semana! Eu ia para Campo Grande - MS, eu ia para Juiz de Fora... Ia também para outros lugares. E era muito legal! Era muito legal mesmo. Ir para Juiz de Fora era um prazer enorme porque eu me permitia sustentar a minha clínica e já que a gente ia para Juiz de Fora, eu e a Vera, a gente resolveu entrar em contato com alguns ex-alunos, ex-orientandos, etc. e dizer "Olha, a gente tá vindo aqui e a gente tá afim de estudar junto... Vamos fazer um grupo de estudos, vamos nos reunir, o assunto vocês quiserem...". Isso virou um seminário e foi ótimo! O povo de Juiz de Fora é um povo adorável, né? Todos os mineiros simpaticíssimos e isso rendeu, rendeu que não acabava mais... Eu parei de ir, na verdade, quando adoeci... E velha, né? Velha e doente é um binômio que não combina bem. Mas como eu não vou ficar doente pro resto da vida, eu planejo ficar bem, eu planejo voltar a Juiz de Fora sim... quem sabe ano que vem, se não der ano que vem, no outro ano! Quem sabe quando eu fizer 80 anos para comemorarmos juntos? Alguma coisa assim. Risos.

Pergunta 11: Ficaremos aguardando, será ótimo!

Resposta 11: Se der, eu vou!

Pergunta 12: Você participou da fundação do Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora...

Resposta 12: Com o maior orgulho! Foi realmente um momento muito emocionante! Muito emocionante...

Pergunta 13: Nós queríamos saber um pouco mais sobre essa sua participação nessa construção, o que muda em ocupar o espaço universitário para ocupar outros espaços como a Escola.

Resposta 13: Para mim, não tem nenhuma ruptura! Para mim é tudo uma coisa só! O espaço universitário é uma coisa que eu gosto... Ensinar, cuidar da transmissão é uma coisa que eu faço desde pequena. Eu comecei a ensinar com 9 anos de idade. Eu sou de uma família de professores, os Carneiro Ribeiro são professores. Não sei se o filme sobre Marighella já passou por aí, se passar vocês reparem que ele faz

menção de que ele foi aluno do Colégio Carneiro Ribeiro. O meu avô tinha um verdadeiro encanto pelo rapaz! O rapaz era um homem muito bonito, um mulato filho de italiano com negro. Ficava uma mistura linda e muito atrevida, né? Mas é uma família de educadores, de professores... Então com 9 anos de idade meu avô me mandou dar uma aula sobre um assunto que eu não sabia. Ele disse: “Então estuda e dá aula! Se você achasse que sabia eu não mandava você dar aula... Só dá aula quem não sabe!”. Aí eu aprendi o “só dar aula quem não sabe”. Se você quer saber, estude para dar aula. Foi assim que eu sempre quis estudar para dar aula. Não é estudar para ficar egoisticamente guardando as coisas que a gente pensa, só para a gente, entende? Não pode! É idiota! Pensar assim já é burro... Eu gosto, para mim é o maior prazer! Tudo é a mesma coisa: estudar, ensinar é uma paixão junto com a minha relação com a psicanálise como causa. É tudo uma coisa só! Não tem divisão. Eu não sou capaz de sacrificar nada pela psicanálise que não seja o que é dispensável, entende? Se é preciso brigar, eu brigo! Mas... eu não vou criar caso para inviabilizar as coisas, né? A psicanálise sozinha já cria caso, não precisa de mim para ajudar! Risos.

Pergunta 14: Cria muito caso! Risos. E da mesma forma que Lacan dizia que Platão era lacaniano, seu avô também era [por conta da dimensão do não saber]?

Resposta 14: Sei lá se meu avô era lacaniano ou o que ele era... Ele era um sábio e eu acho que os sábios têm muita coisa em comum, né? Muita coisa em comum...

Pergunta 15: Com certeza!

Resposta 15: Você vê, quando o Anísio Teixeira fundou a primeira escola nova em Salvador ele fez uma homenagem ao meu bisavô, não foi nem o meu avô, foi o meu bisavô! O velho Carneiro Ribeiro. É isso aí.

Pergunta 16: Todos esses anos que você esteve aqui em Juiz de Fora você conquistou a admiração de muitas pessoas, é sempre citada como referência por grandes psicanalistas daqui... Você considera que tenha uma influência de estilo na transmissão atual, seja na relação possível entre psicanálise e universidade (apesar dos seus distanciamentos e aproximações) ou mesmo na forma de se fazer Escola?

Resposta 16: Se eu influenciei alguma coisa? Olha, eu espero que sim... isso eu não posso avaliar, a gente não tem distância suficiente para avaliar uma coisa dessa...

Nem distância de tempo, nem distância subjetiva, pessoal. Porque sou eu, qualquer coisa que eu ache é a partir de uma referência puramente narcísica, egóica. Mas eu espero que sim, até porque quando a gente aprende, a gente não copia, mas a gente guarda algum traço de quem nos ensinou, de quem nos influenciou... Então, eu espero que sim! Que eu tenha transmitido alguma coisa. Agora, não dá para saber o que é que a gente transmite, né?

Entrevistadores: Obrigado, Maria Anita.